

O CAMPO E A FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE GEOGRAFIA: UMA ANÁLISE A PARTIR DA ABORDAGEM METODOLÓGICA DE QUESTIONÁRIOS E ENTREVISTAS

Fabiano de Jesus GIACOMINI¹

Leonardo Dirceu de AZAMBUJA²

RESUMO

Este artigo tem como objetivo fomentar e analisar a importância dos recursos ou procedimentos atinentes às pesquisas de campo, os questionários/formulários e as entrevistas. Veremos que apesar da semelhança existente esses instrumentos, eles apresentam diferenças de elaboração e finalidade. Dado que cada qual possui sua singularidade e, assim, serão utilizados na pesquisa em andamento enquanto dissertação de Mestrado no Programa de Pós-Graduação em Geografia na Universidade Estadual de Maringá a qual se propõe a investigar empecilhos/dificuldades de realização e contribuições encontradas ao pensar e realizar uma aula de campo no curso de graduação, enquanto procedimento didático para a formação de professores ou bacharéis na área de Geografia. O questionário/formulário, na pesquisa em realização, tem o objetivo de responder questões diversas, relacionadas às experiências realizadas por graduandos e docentes, incluindo as impactações no uso desse recurso metodológico de ensino nas universidades. Já as entrevistas serão utilizadas na pesquisa para oportunizar complementações necessárias relacionadas com as hipóteses/problemáticas levantadas pelo autor. Hipótese da perpetuação destes por meio de mecanismos agora alheios ao município.

Palavras-chave: Formação de professores. Geografia. Aula de campo. Questionários e entrevistas.

¹ Mestrando em Geografia pela Universidade Estadual de Maringá (UEM)

² Docente do Departamento de Geografia da Universidade Estadual de Maringá (UEM)

THE FIELD AND THE TRAINING OF GEOGRAPHY TEACHERS: AN ANALYSIS FROM THE METHODOLOGICAL APPROACH OF QUESTIONNAIRES AND INTERVIEWS

ABSTRACT

The purpose of this article is to encourage and analyze the importance of the resources or procedures related to field research, the questionnaires/forms and the interviews. We will see that despite the similarity between these instruments, they are different in terms of design and purpose. Given that each one has its own singularity, they will be used in the research in progress as a Master's dissertation in the Graduate Program in Geography at the State University of Maringa, which aims to investigate the difficulties encountered and contributions found when thinking about and carrying out a field class in the undergraduate course, as a didactic procedure for the training of teachers or bachelors in the area of Geography. The questionnaire/form, in the research being carried out, has the objective of answering several questions related to the experiences made by undergraduates and teachers, including the impact on the use of this methodological teaching resource in universities. The interviews will be used in the research to provide the necessary complementations related to the hypotheses/problems raised by the author.

Keywords: Teacher training. Geography. Field class. Questionnaires and interviews.

1 INTRODUÇÃO

Nos trabalhos científicos os quais incluem a pesquisa geográfica é oportuno destacar os entendimentos sobre métodos e metodologias, pois as respectivas palavras soam ter o mesmo significado, porém, não têm. Pois bem, os métodos são formas de interpretação da realidade que, segundo Andrade e Schmidt (2014, p.15), “[...] é considerado como a ascendência filosófica utilizada, ou seja, qual a origem histórica e conceitual que o cientista usará (positivismo, neopositivismo, marxismo, anarquismo, etc).” Já a metodologia, seguindo as afirmações desse mesmo autor, é a forma como a pesquisa se desenvolve e os passos que serão seguidos, além do que e como irá fazer.

Semelhante às definições acima, Marconi e Lakatos (2003) especificam que o método científico é a teoria da investigação e da exposição dos resultados. Isso principalmente nas áreas humanas e sociais, incluindo a ciência geográfica, onde são feitas referências a métodos como sendo empírico dedutivos, indutivos, hipotéticos-dedutivo, sistêmico, dialético e ou fenomenológico.

A partir disso, cada uma dessas referências de metodologias e/ou de métodos se fazem presentes em algum momento na formação da Geografia enquanto ciência. De acordo com Suertegaray (2005), pode ser destacada a Geografia Clássica, fundamentada no positivismo que se utiliza da observação e descrição das paisagens, ou seja, o olhar geográfico a campo identifica informações, daí o empírico-indutivo, a indução para deduzir fatos novos que escapam apenas da observação para elaborar interpretações e produzir sínteses. Assim, caminhando do particular para o geral, buscando a regularidade pautada em leis gerais da natureza quando referidas a Geografia Física, uma ciência nomotética. Já na Geografia Humana (Regional) o método compreende a busca da localização, observação e a descrição dos elementos geográficos de um espaço determinado, a região geográfica enquanto sistematização dos resultados da pesquisa. Assim, a Geografia é, nessa concepção, uma ciência idiográfica, ou seja, que faz o estudo dos lugares.

Em sequência, as colocações dessa autora, na Geografia Teorética-Quantitativa com a passagem do positivismo para um neopositivismo com seus fundamentos filósofos e matemáticos objetiva propor uma nova epistemologia. Essa vertente metodológica apresenta crítica ao modelo positivista e, dessa forma, seus articuladores “elaboraram a linguagem objetiva na produção do conhecimento, dando ênfase à matemática e à lógica formal na construção científica”

(SUERTEGARAY, 2005, p.20).

Nesse caso, a Geografia assume a perspectiva científica, pautando-se na busca de leis e teorias ou modelos teóricos por meio dos quais as informações são elaboradas, organizadas e interpretadas. O método é hipotético-dedutivo e a análise da realidade é produzida sem priorizar o recurso da experiência ou da observação do empírico. As interpretações se dão com base nos dados coletados e organizados por meio de técnicas e modelos quantitativos. A pesquisa a campo é relativizada, acontece para verificar informações já existentes e coletadas por outras formas e técnicas. O conhecimento produzido visa a elaboração ou identificação de padrões, funções, classificações ou hierarquizações espaciais necessárias para a planificação territorial.

Ainda, para o estudo da natureza pela Geografia, o fundamento metodológico busca apoio nas teorias sistêmicas mais o precisamento no processo de interpretação fundamentado no geossistema. Pelo geossistema podemos observar e interpretar as paisagens naturais e antropizadas destacando ou relacionando as combinações dos subsistemas biótico, abiótico e antrópico. Nesses estudos a pesquisa a campo, seguida da organização e interpretação dos elementos físicos-naturais, e as combinações formadoras das paisagens naturais constitui procedimento essencial para a interpretação geográfica.

Em continuidade, temos a Geografia da Percepção, Humanística e Cultural a qual busca fundamentos metodológicos na fenomenologia, em que essas correntes “[...] valorizam a percepção, o pensamento, os símbolos, a cultura, os sentimentos e a ação do homem em seu mundo vivido” (RODRIGUES, 2008, p.114). Em outras palavras, é necessário, a partir desse entendimento, compreender a importância do espaço vivido, dos sentidos dos lugares, das representações simbólicas. Isso significa que o lugar representaria/representa as experiências e as aspirações dos seres humanos, o que, de certa forma, é fundamental para sua identidade. O método nesse caso é fortemente subjetivo, ou seja, vai do sujeito para o objeto a ser observado e interpretado. Nessa perspectiva, o campo se torna um procedimento necessário na captação das percepções e entendimentos da realidade vivida no lugar.

A posteriori, a Geografia Crítica e ou Radical constitui-se do método da dialética que “trata-se de um método que valoriza a historicidade. Quando pensamos em história, pensamos em tempo” (SUERTEGARAY, 2005, p.26). Deste modo, a partir dessa historicidade, das mudanças da natureza primeira à segunda natureza e essa sendo, destarte, considerada como movimento histórico-espacial da sociedade é visível no método dessa corrente a busca pela compreensão da

realidade em sua dimensão de totalidade analítica. Nesse entendimento metodológico, a investigação a campo vai além de ver a paisagem para contemplar também a dimensão do espaço geográfico, ou seja, ver as formas e a função, o movimento pretérito e a atualidade.

Especificadas as diferenças e aproximações entre métodos e metodologias e, ainda, uma breve indicação das correntes teóricas e metodológicas da ciência geográfica e as possibilidades ou necessidades da investigação a campo, vamos ao específico do presente artigo.

Para atender ao proposto da pesquisa em andamento enquanto dissertação de Mestrado no Programa de Pós-Graduação em Geografia na Universidade Estadual de Maringá-Paraná, o propósito deste artigo é o de analisar os procedimentos ou instrumentos de busca a campo definidos como a entrevista, o questionário e o formulário.

A entrevista, para Colognese e Mélo (1998), constitui uma técnica de obtenção de informações realizada por meio de uma “conversação interesseira”, que tem por objetivo/intuito de apreender dados sobre o comportamento e a consciência dos sujeitos investigados. Ou seja, a técnica entrevista é concebida como uma conversa formal, que é estabelecida em uma interação entre o entrevistador e o investigado, cuja finalidade é obter informações relevantes sobre determinado assunto (SILVA; MENDES, 2013).

E nessa busca de obter informações, também estão inclusos, enquanto instrumentos ou procedimentos, os questionários, os quais são, no mesmo contexto das entrevistas, identificados/conceituados como “técnicas” de pesquisas. Assim, consolidando nossas afirmações, de acordo com Chaer, Diniz e Ribeiro (2011, p.10), “[...] o questionário é uma técnica que servirá para coletar as informações da realidade que o cerca”.

O formulário pode ser entendido como um instrumento a ser utilizado para uma busca de informações mais objetivas ou então diretas com os sujeitos que são fontes para a pesquisa. O formulário também pode ser a forma de aplicação do questionário, com isso, não é possível fazer essa distinção ou diferenciação entre esses instrumentos.

Por questionário entende-se um conjunto de questões que são respondidas por escrito pelo pesquisado. Entrevista, por sua vez, pode ser entendida como uma técnica que envolve duas pessoas numa situação ‘face a face’ e em que uma delas formula questões e a outra responde. Formulário, por fim, pode ser definido como técnica de coleta de dados em que o pesquisador formula questões previamente elaboradas e anota as respostas (GIL, 2002, p. 114-115).

Na pesquisa em desenvolvimento, os roteiros de entrevistas e questionários e ou formulários

estão ainda em elaboração, mas que já pode-se retratar um esboço do que será realizado com a perspectiva de estudar a importância dos trabalhos de campo nas formações de professores de geografia. Esses instrumentos serão aplicados aos acadêmicos da Universidade Estadual de Maringá – UEM e Universidade Estadual do Paraná - UNESPAR, como também, aos professores de Geografia que compõem o corpo docente das duas universidades.

O artigo apresenta, na sequência a este texto de introdução, itens com informações e reflexões relacionadas às formas ou instrumentos de pesquisa a campo, o questionário e a entrevista. Então, finaliza com a exposição da elaboração projetada para a realização desses procedimentos na pesquisa motivadora desta elaboração textual.

É oportuno destacar que a escolha destes meios de recolhimento de informações, questionários/formulários e um eventual uso de entrevistas está concomitantemente alinhada aos objetivos da dissertação. Objetivos que estão enraizados em questões relacionadas ao objeto pesquisado e orientadoras da investigação em andamento.

Alguns desses questionamentos podem ter essas indicações: Como cada professor pensa e elabora suas aulas de campo? Suas áreas de atuação na Geografia facilitam ou dificultam a proposição dessas aulas? Por que realizam ou não realizam trabalhos de campo? Será devido ao custeio? A disponibilidade (tanto de alunos como professores) no dia da aula? O interesse dos discentes? Seus trabalhos? Consiste todas essas interrogativas em uma ação conflituosa ao se propor realizar esse tipo de aula?

A realização da investigação a campo proposta no projeto da dissertação é o momento onde docentes e discentes têm espaços para expor, com clareza, suas experiências, opiniões e interpretações, e aí, o interesse ou a necessidade em expandir a discussão sobre esses recursos ou instrumentos ou técnicas para efetivação dessa busca.

2 SOBRE OS QUESTIONÁRIOS

Em nossas análises, para que não haja conflito entre o que são, ou como são interpretados questionários e entrevistas, definiremos cada um, especificando suas divergências.

“[...] como a técnica de investigação composta por um número mais ou menos elevado de questões apresentadas por escrito às pessoas, tendo por objetivo o

conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas etc” (GIL, 1999, p.128).

Em conciliação às definições de Gil (1999), é interessante nos intentarmos a trabalhar com os questionários principalmente para tratar de aspectos quantitativos, mas também os qualitativos podem ser abordados. Como exemplo a essa possibilidade, para refletirmos sobre o uso de tal técnica, este poderia ser utilizado, dentre outras possíveis situações temáticas, ora em uma pesquisa com os moradores do MST - Movimentos dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, ora em um estudo pandêmico, ou ainda, em levantamentos de dados através de censos demográficos e/ou socioeconômico, como são os realizados pelo IBGE em intervalos de tempo determinados.

Em outras palavras, trabalhar com questionários abrange uma imensa extensão de possibilidades de pesquisas. Extensão que se assemelha, no geral, às possibilidades de estudo no espaço geográfico, ou seja, fazer recortes espaciais e temáticos é essencial, pois, em cada estudo é definida uma escala que abrange a respectiva área e o tema de interesse do pesquisador. Estudar paisagens naturais e/ou culturais, lugares, arranjos espaciais urbanos/rurais, ou seja, independente do objeto da pesquisa, pode o pesquisador utilizar-se dos questionários, na medida em que o referido instrumento possibilita tal investigação.

Em outras atribuições, agora pensando nas qualidades dos questionários, destacamos suas vantagens e desvantagens. Para compreendermos primeiramente suas vantagens, tomemos como base os estudos de Marconi e Lakatos (2003, p.201-202) os quais retratam que esse recurso:

- Economiza tempo, viagens e obtém grande número de dados.
- Atinge maior número de pessoas simultaneamente.
- Abrange uma área geográfica mais ampla.
- Economiza pessoal, tanto em adestramento quanto em trabalho de campo.
- Obtém respostas mais rápidas e mais precisas.
- Há maior liberdade nas respostas, em razão do anonimato.
- Há mais segurança, pelo fato de as respostas não serem identificadas.
- Há menos risco de distorção, pela não influência do pesquisador.
- Há mais tempo para responder e em hora mais favorável.
- Há mais uniformidade na avaliação, em virtude da natureza impessoal do

instrumento.

- Obtém respostas que materialmente seriam inacessíveis.

Como podemos observar são várias as vantagens que a aplicação de questionários/formulários possui, além dessas relatadas anteriormente. Atualmente, com o desenvolvimento da tecnologia de informação e comunicação, a busca, registro e transcrição dos resultados foram aprimoradas, como podemos considerar através do uso de ferramentas tais como o Pacote Office (Excel, por exemplo) e o *Google Forms*.

Todavia, há limitações a serem destacadas em relação a este instrumento de pesquisa, ou seja, apesar de apresentar vantagens, possui também desvantagens, também destacadas nos estudos de Marconi e Lakatos (2003, p.202):

- Percentagem pequena dos questionários que voltam.
- Grande número de perguntas sem respostas.
- Não pode ser aplicado a pessoas analfabetas.
- Impossibilidade de ajudar o informante em questões mal compreendidas.
- A dificuldade de compreensão, por parte dos informantes, leva a uma uniformidade aparente.
- Na leitura de todas as perguntas, antes de respondê-las, pode uma questão influenciar a outra.
- A devolução tardia prejudica o calendário ou sua utilização.
- O desconhecimento das circunstâncias em que foram preenchidos torna difícil o controle e a verificação.
- Nem sempre é o escolhido quem responde ao questionário, invalidando, portanto, as questões.
- Exige um universo mais homogêneo.

Analisando suas desvantagens, é interessante nos atentarmos sobre o retorno dos questionários. Mesmo sabendo que os recursos tecnológicos são ressaltados como vantagem na aplicação desse instrumento, há que se tecer uma crítica a tal vantagem, pois o retorno virtual desses questionários, como retratado anteriormente, é bem baixo, o que não aconteceria, ou aconteceria

com menos frequência, se os questionários fossem físicos e se estendessem a uma escala alcançável e viável para sua aplicação. Essas opções de aplicação, virtual ou física, são de decisão do pesquisador considerando os resultados desejados na efetivação dessa técnica de investigação.

Levando em conta as ponderações acima e os estudos de Lima (2011), o questionário precisa ter uma primeira elaboração, para que então haja a fase pré-teste, seguida dos ajustes necessários conforme o recorte da pesquisa. A intenção é verificar questões com duplo sentido, que dão margem a respostas ambíguas, dentre outros problemas que podem aparecer.

Na elaboração de um questionário o primeiro ponto a destacar é o uso contínuo de questões abertas. Tomando como exemplo as desvantagens dos questionários, isso pode se tornar exaustivo para quem o responde. Além disso, certamente abre espaços para uma heterogeneidade de respostas, e aí, no momento da transcrição, o objetivo da pesquisa pode se esvaír.

A sugestão no uso dos questionários é atribuir-se de mais questões objetivas e poucas questões abertas, pois tais questões seriam melhor abordadas em um roteiro de entrevistas. Todavia, para os questionários pode ser usado, apesar de não ser o ideal, isso varia de pesquisador para pesquisador. Questões de cunho descritivo, caso sejam usadas em questionários, ficam melhor encaixadas e pensadas pelos participantes ao final de cada questionário. Na organização, como última questão (aberta), seria interessante abordar a exemplo, a seguinte: O que mais quer contribuir com essa pesquisa? Fique livre para dizer o que quiser e achar importante. Com isso, a intenção é obter respostas que não foram alcançadas com as outras questões abordadas.

Assim como a organização das questões e os tipos de questões, seus objetivos também são importantes. Questões de caráter muito aberto/extenso dão margem, como já mencionado neste artigo, a respostas ambíguas. Em uma pesquisa, as questões precisam ser sempre específicas e, nessas especificidades, estarem em total conciliação com os objetivos de pesquisa, pois com elas serão alcançadas as respostas das hipóteses/problemáticas levantadas.

Então, a projeção ou a intenção em elaborar um questionário requer atenção para a estrutura e organização das questões que precisam sempre estar bem elaboradas, apresentarem clareza do que está sendo pedido, pois, só assim tal instrumento será valorativo para a pesquisa em que está sendo utilizado. Para ampliar a abrangência ou aprofundar/detalhar aspectos da realidade a ser pesquisada, pode ser necessária a realização de entrevistas enquanto uma relação mais direta entre os sujeitos envolvidos.

3 SOBRE AS ENTREVISTAS

Vimos até aqui que os questionários podem oscilar em suas respostas, de acordo com sua elaboração, mas e as entrevistas? Elas obtêm as respostas desejadas? Quais suas vantagens e desvantagens? Quais são os critérios para a realização de entrevistas? Existem quantos tipos de entrevistas? Precisamos nos atentar sobre esses questionamentos porque tais entrevistas definidas como estruturadas serão utilizadas na pesquisa caso os questionários não alcancem ou não obtenham um percentual desejado de respostas.

O termo entrevista é construído a partir de duas palavras, entre e vista. Vista refere-se ao ato de ver, ter preocupação com algo. Entre indica a relação de lugar ou estado no espaço que separa duas pessoas ou coisas. Portanto, o termo entrevista refere-se ao ato de perceber realizado entre duas pessoas (RICHARDSON, 1999, p.207).

Deste modo, o pesquisador, na busca de obter as respostas desejadas, seleciona uma técnica que ao seu ver será melhor aproveitada em relação à obtenção de dados. Como descrito acima, a entrevista é um termo construído entre duas palavras: entre e vista, assim como entre duas pessoas (o número de pessoas depende do tipo de entrevista) esse ato de perceber que pode muito bem ser notado por entrevistado e entrevistando. A partir da organização da entrevista pelo pesquisador, independentemente do tipo de entrevista, o que veremos especificamente a posteriori, o objetivo de tal técnica é claro, e é utilizado na “[...] necessidade de obter dados que não podem ser encontrados em registros e fontes documentais, podendo estes serem fornecidos por determinadas pessoas” (JÚNIOR; JÚNIOR, 2011, p.3).

Feito o ensejo, cabe agora retomar o uso e relevância das entrevistas, por isso, vejamos seus objetivos, considerando ainda os estudos de Marconi e Lakatos (2003, p.196). Os autores destacam os seguintes pontos sobre o que buscar em uma entrevista:

- **Averiguação de fatos:** Descobrir se as pessoas que estão de posse de certas informações são capazes de compreendê-las.
- **Determinação das opiniões sobre os fatos:** Conhecer o que as pessoas pensam ou acreditam que os fatos sejam.

- **Determinação de sentimentos:** Compreender a conduta de alguém através de seus sentimentos e anseios.
- **Descoberta de planos de ação:** Descobrir, por meios das definições individuais dadas, qual a conduta adequada em determinadas situações, a fim de prever qual seria a sua.
- **Conduta atual ou do passado:** Inferir que conduta a pessoa terá no futuro, conhecendo a maneira pela qual ela se comportou no passado ou se comporta no presente, em determinadas situações.
- **Motivos conscientes para opiniões, sentimentos, sistemas ou condutas:** Descobrir quais fatores podem influenciar as opiniões, sentimentos e condutas e por quê?

Nesses itens é notável perceber que o entrevistando conheça o seu entrevistado, conhecer no sentido de compreender suas experiências, utilizar-se da empatia e colocar-se no lugar do entrevistado. Esse ato de conhecer o entrevistando será retratado através de suas respostas, e aí, a partir das margens das questões respondidas verificar se as respostas foram assinaladas através de sua compreensão, opinião, sentimentos bons ou ruins no presente contexto, sua conduta (e aqui a empatia do entrevistador em colocar-se no lugar do entrevistando) e quais os motivos que lhe fizeram responder as questões abordadas pelo entrevistador dessa maneira.

Por isso, no uso e abordagem das entrevistas, questões de contato entre o entrevistado e entrevistando são tão importantes e precisam estar em alerta pelo pesquisador. Deste modo,

Posturas mais formais do tipo respostas diretas a perguntas idem não costumam produzir bons resultados e, quando acontecem poucas vezes, resistem às primeiras interrogações referentes a experiências de caráter pessoal (DUARTE, 2002, p.146).

O entrevistado precisa se sentir à vontade com o ambiente, com o entrevistando e com as questões que lhe serão perguntadas. À vista disso, seguindo as asserções de Duarte (2002), falar de gostos e interesses pessoais, da relação com os pais, do ambiente familiar, da própria infância e juventude, dos amigos, de experiências escolares, de um modo geral, deixa as pessoas mais livres para expressarem ideias, valores, crenças, significações, expectativas de futuro, visões de mundo e assim por diante. Todavia, o pesquisador necessita estar atento para não perder o foco da pesquisa, se por um momento se desviar, seus estudos podem não ter a relevância e/ou

significância e, então, não obter as respostas desejadas.

Nosso interesse neste artigo e na pesquisa em andamento são as entrevistas estruturadas. Então, para que fique mais claro como é esse instrumento, Marconi e Lakatos (2003, p.197) as definem como “aquela em que o entrevistador segue um roteiro previamente estabelecido; as perguntas feitas ao indivíduo são pré-determinadas. Ela se realiza de acordo com um formulário elaborado e é efetuada de preferência com pessoas selecionadas de acordo com um plano.”

Dito isso, vejamos quais as vantagens e desvantagens do uso e atribuição dos diferentes tipos de entrevistas, seguindo os estudos dos autores acima citados. Como vantagens, a entrevista:

- Pode ser utilizada com todos os segmentos da população: analfabetos ou alfabetizados.
- Fornece uma amostragem muito melhor da população geral: o entrevistado não precisa saber ler ou escrever.
- Há maior flexibilidade, podendo o entrevistador repetir ou esclarecer perguntas, formular de maneira diferente; especificar algum significado, como garantia de estar sendo compreendido.
- Oferece maior oportunidade para avaliar atitudes, condutas, podendo o entrevistador ser observado naquilo que diz e como diz: registro de reações, gestos etc.
- Dá oportunidade para a obtenção de dados que não se encontram em fontes documentais e que sejam relevantes e significativos.
- Há possibilidade de conseguir informações mais precisas, podendo ser comprovadas, de imediato, as discordâncias.
- Permite que os dados sejam quantificados e submetidos a tratamento estatístico.

Apesar de serem muitas as vantagens, ainda assim possuem desvantagens, ou limitações, conforme os autores indicam:

- Dificuldade de expressão e comunicação de ambas as partes.
- Incompreensão, por parte do informante, do significado das perguntas, da pesquisa, que pode levar a uma falsa interpretação.

- Possibilidade de o entrevistado ser influenciado, consciente ou inconscientemente, pelo questionador, pelo seu aspecto físico, suas atitudes, ideias, opiniões etc.
- Disposição do entrevistado em dar as informações necessárias.
- Retenção de alguns dados importantes, receando que sua identidade seja revelada.
- Pequeno grau de controle sobre uma situação de coleta de dados.
- Ocupa muito tempo e é difícil de ser realizada.

Assim como os questionários possuem várias desvantagens, com as entrevistas não seria diferente. Como foi analisado, o que mais impacta e retém informações é o contato entre entrevistado e entrevistando. Como superação a isso é relevante enfatizarmos que para uma boa prática é sempre importante um bom planejamento, pois quando bem planejado os erros ou imprevistos tendem a diminuir suas chances de ocorrerem (BONI; QUARESMA, 2005). Seguindo os estudos dessas mesmas autoras, uma entrevista bem-sucedida depende, também, do domínio do entrevistador sobre as questões previstas no roteiro. Então, se tais questões estão sobre amplo domínio do entrevistador/pesquisador, a tendência da entrevista é ser bem-sucedida.

Desta maneira, o item seguinte vai ao encontro de exemplificar quais as intenções da pesquisa e do questionário, ao serem utilizados como técnica para obter dados/informações. Esses dois recursos que até aqui foram analisadas suas qualidades, eficiências e limitações, em sequência finaliza, direcionando ambos ao seu público-alvo, enfatizando o porquê e para que tal direcionamento.

4 SOBRE A PESQUISA EM ANDAMENTO

Na conjuntura da pesquisa em andamento, seu objetivo é buscar responder, de maneira geral, como o trabalho de campo ou as aulas de campo podem contribuir de forma significativa na formação de professores de geografia e de bacharéis, bem como as dificuldades que são encontradas ao propor realizar esse modelo de aula. Com os resultados obtidos, a intenção é propor caminhos alternativos que possam sempre alcançar números elevados de realização e, também, ricas aprendizagens a quem as realiza e a quem participa dessa metodologia enquanto procedimento didático no ensino de graduação.

O público-alvo de tal estudo são acadêmicos e professores de Geografia da Universidade Estadual de Maringá - UEM e da Universidade Estadual do Paraná - UNESPAR. Tais sujeitos participantes, por meio das técnicas de pesquisa que aqui foram analisadas, serão abordados de maneira clara e segura, a responderem uma gama de perguntas pertinentes à pesquisa em desenvolvimento. Dito isso, refletir, pensar e alcançar contribuir na formação dos professores, como toda pesquisa, necessita de aparatos técnicos para obtenção/recolhimento de informações. Então, no caso, como foi determinado, os questionários serão direcionados aos acadêmicos e aos professores das universidades selecionadas, isso por serem adequados para obter as informações a serem buscadas nesses segmentos e porque demandam um tempo menor de aplicação.

Em relação às entrevistas, essas serão direcionadas somente a uma parcela dos professores de Geografia. Todavia, é importante ressaltar que as entrevistas serão realizadas na medida em que se avaliem como necessárias para adequar informações e ou interpretações sobre as práticas das aulas de campo desenvolvidas e, assim, oportunize mais complementaridade com os objetivos da referida pesquisa.

Para tanto, fazendo menção de tudo que foi tratado até aqui, apresenta-se a seguir o demonstrativo de questionários/formulários que serão direcionados aos participantes desse estudo. Primeiro, os questionários/formulários dos acadêmicos, licenciando e bacharel, na sequência o rol de perguntas direcionadas aos professores e depois, então, serão efetivadas, como já especificado, em formato de questionários e ou podendo também ser utilizado para a realização dessa busca na forma de entrevistas. A seguir, estão as propostas de questionários para os acadêmicos e para os professores.

4.1 QUESTIONÁRIO PARA OS ESTUDANTES DA GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA.

Olá, meu nome é _____, sou estudante de Mestrado do programa de pós-graduação em Geografia (PGE) da Universidade Estadual de Maringá - UEM. O intuito desse questionário é nos aprofundarmos no uso, importância e atribuição dos trabalhos de campo, ou aulas de campo, durante seus estudos, desde o Ensino Fundamental, passando pelo Ensino Médio até a Graduação. As respostas aqui obtidas são puramente para fins acadêmicos, então, caso assinale seu nome, fique tranquilo quanto ao uso adequado das suas respostas.

IDENTIFICAÇÃO:

1-Nome (opcional)_____

2-Idade_____.

3-Gênero: () Masculino () Feminino () Outro.

4-Estado de origem:_____

5-Cidade atual. R:_____

FORMAÇÃO ESCOLAR

6- Em que ano entrou na escola? R:_____

7- Estudou em Escola:

() Pública () Particular () Outra.

8- Em que ano concluiu o ensino fundamental? R:_____

9- Em que ano concluiu o Ensino Médio? R:_____

TRABALHOS DE CAMPO NO ENSINO FUNDAMENTAL.

10- Realizou trabalhos de campo durante o ensino fundamental?

() Sim () Não () Não lembro(a)

11- Como os professores(a) chamavam as saídas para atividades em ambientes fora da escola?

() Trabalhos de campo () Aula em Campo () Estudo do Meio

() Excursão () Visita orientada () Passeio () Outro(a).

12- Quantos trabalhos de campo foram realizados neste período escolar?

() 2 () 4 () 6 ou mais () Não lembro(a)

13- Qual era a renda da sua família na época:

() 1 a 3 Salários mínimos () 4 a 5 Salários mínimos () Indefinido

14- Os trabalhos de campo tinham algum custo?

() Sim () Não () As vezes

15- Os trabalhos de campo eram realizados de forma interdisciplinar, ou seja, incluía a participação de professores(as) de outras disciplinas além da Geografia?

() Sim () Não () As vezes

TRABALHOS DE CAMPO NO ENSINO MÉDIO.

16- Realizou trabalhos de campo durante o Ensino Médio:

() Sim () Não () Não lembro(a)

17- Quais disciplinas realizavam trabalhos de campo:

() Geografia () História () Biologia () Outras.

18- Quantos trabalhos de campo foram realizados neste período escolar?

() 2 () 4 () 6 ou mais () Não lembro(a)

19- Qual era a renda da sua família na época:

() 1 a 3 Salários mínimos () 4 a 5 Salários mínimos () Indefinido

20- Os trabalhos de campo tinham algum custo?

() Sim () Não () As vezes

21- Os trabalhos de campo eram realizados de forma interdisciplinar. Faça um comentário sobre a resposta.

() Sim () Não () As vezes.

R:(comentário)_____

FORMAÇÃO ACADÊMICA

22- Qual universidade você estuda?

() Universidade Estadual de Maringá-UEM

() Universidade Estadual do Paraná UNESPAR

23- Em que ano/semestre da graduação você está? R:_____

24- Já fez outras graduações, se sim, quais?

R:_____

25- Em que ano ingressou na faculdade atual? R:_____

26- Quais motivos lhe fizeram escolher Geografia?

R:_____

TRABALHO E FINANÇAS

27- Você ajuda nas despesas da moradia em que reside?

() Sim () Não () Parcialmente () Moro sozinho(a) pago todas as contas

28- Seus pais ou responsáveis legais mantêm financeiramente a moradia em que você reside?

() Sim () Não () Parcialmente

29- Qual a sua fonte de renda?

() Trabalho () Estágio () Não tenho renda () Outro.

30- Já deixou de participar de trabalhos de campo na graduação por motivo financeiro?

() Sim () Não () Realmente não tive oportunidade de ir.

31- Você trabalha como empregado ou outra forma de prestar serviço?

() Sim () Não () Se sim, responder também:

Na oportunidade de realizar um trabalho de campo, você consegue liberação do serviço?

() Sim () Talvez () Somente com dias de antecipação () A empresa não libera para fins acadêmicos.

TRABALHO DE CAMPO NA GRADUAÇÃO

32- Para você, o que são trabalhos de campo?

R: _____

33- Como esses trabalhos podem contribuir em sua formação?

R: _____

34- Para absorver conhecimento, a junção entre estudos bibliográficos e as atividades realizadas em sala de aula e as atividades realizadas em um trabalho de campo visa consolidar esse processo, você concorda, sim ou não? Justifique.

R: _____

35- Na graduação, quantos trabalhos de campo você já realizou?

() 2 a 4 () 4 a 8 () 8 ou mais

36- Quais foram os destinos e quais as disciplina(s) ou quais os conteúdos relacionados com essa atividade a campo?

R: _____

37- O que mais quer contribuir com essa pesquisa? Fique livre para dizer o que quiser e achar importante.

R: _____

Espera-se, com esse questionário, que os acadêmicos relembrem e retratem suas experiências adquiridas durante sua vida e trajetória de formação. Assim, para alcançar essas informações, o questionário está estruturado acerca de uma ordem temporal de estudo do participante, onde, de maneira precisa, abarca questionamentos sobre a vida estudantil do então graduando que se inicia e perpassa pelo Ensino Fundamental/Médio e Ensino Superior. Essa relação com os níveis de ensino da Educação Básica apenas amplia o contexto da reflexão, porém, o foco da pesquisa está na trajetória da graduação desenvolvida por esses sujeitos.

Mais uma vez, através de suas respostas e, também, das respostas dos professores que serão

extraídas por meio do questionário descrito logo abaixo, a intenção é buscar caminhos alternativos que alcancem sempre um índice valorativo de aprendizagem desses graduandos e bacharéis ao trabalhar com esse recurso teórico metodológico e didático da aula de campo.

4.2 QUESTIONÁRIO PARA OS PROFESSORES(AS) DE GEOGRAFIA DA UEM E DA UNESPAR

IDENTIFICAÇÃO:

1-Nome (opcional)_____

2-Idade:_____

3- Gênero: () Masculino () Feminino () Outro.

5- Cidade onde reside R:_____

FORMAÇÃO ACADÊMICA

6- Em qual Universidade graduou-se em Geografia?

R:_____

7- Qual sua área de pesquisa quando da realização do seu curso de Mestrado?

() Ensino de Geografia () Análise Ambiental () Análise regional e urbana () Outra.

Qual:_____

8- Qual sua área de pesquisa quando da realização do seu curso no Doutorado?

() Ensino de Geografia () Análise Ambiental () Análise regional e urbana () Outra.

Qual:_____

9- Em qual universidade você trabalha?

() Universidade Estadual de Maringá-UEM

() Universidade Estadual do Paraná-UNESPAR

EXPERIÊNCIAS COM TRABALHOS DE CAMPO - CONDIÇÕES MATERIAIS

10-Em suas atividades como docente, realiza trabalhos de campo?

() Sim () Não () As vezes

11- Por que realizou ou por que não realizou?

R:_____

12- Em seus trabalhos de campo já realizados, observou alguma limitação (financeira e ou

materiais)?

() Sim, dos graduandos () Sim, de nós docentes () Sim, da universidade () Não realizei trabalhos de campo

13- O transporte é disponibilizado pela universidade?

() Sim () Não () Alunos e professores precisam pagar algum valor.

14 -A Universidade disponibiliza algum valor financeiro para a realização dos trabalhos?

() Sim () Não () As vezes

Algum comentário específico sobre as questões 12, 13 e 14: _____

APLICAÇÃO DOS TRABALHOS DE CAMPO

15- Na aplicação dos trabalhos de campo, você relaciona os estudos bibliográficos e atividade em sala de aula e com as atividades a campo?

() Sim () Não () Às vezes

16- Você segue os procedimentos para realização de um trabalho de campo, pré- campo, campo e pós-campo?

() Sim () Não () Às vezes

Algum comentário específico sobre as questões 15 e 16: _____

17- Como você explica a metodologia Trabalho de Campo? Ainda, ampliando um pouco essa pergunta, como você entende ou diferencia Trabalho de Campo, Aula de Campo e Estudo do Meio?

R: _____

18- Na realização dessas atividades de campo, quais recursos/instrumentos você utiliza e/ou orienta os alunos a utilizarem?

R: _____

19- Pensando na importância das atividades de campo, qual a contribuição que tal recurso pode agregar nas formações dos graduandos?

R: _____

20- Você identifica diferenças quando o Trabalho de Campo envolve conteúdos relacionados com a natureza (Geografia Física) ou conteúdos relacionados com a sociedade (Geografia Humana)?

Quais?

R: _____

21- O que mais quer contribuir com essa pesquisa ? Fique livre para dizer o que quiser e achar importante/oportuno.

R: _____

Semelhante ao questionário anterior, espera-se desse questionário que os professores retratem o porquê e para que realizam ou não trabalhos de campo, quais suas dificuldades e especificidades encontradas ao propor/realizar tal trabalho, como também, sua forma de organizar e articular esse recurso para ser valorativo e rico em aprendizagem para todos, até mesmo aqueles que não consigam estar presentes fisicamente por motivos de trabalho e ou outros provenientes.

Desta forma, assim como o questionário dos graduandos e bacharéis, esse questionário, em sua respectiva estrutura, aborda questionamentos que vão ao encontro, a princípio, das áreas de formações dos participantes até suas práticas e experiências com a utilização e aplicação desse recurso. As informações e interpretações coletadas junto aos docentes certamente apresentarão conteúdo diferenciado daqueles identificados junto aos discentes.

Para refletirmos e concluirmos as informações e argumentações apresentadas durante esse trabalho sobre o uso, eficiência e possíveis lacunas ao utilizar-se como técnicas de pesquisa ou de aula de campo – questionários/formulários e as entrevistas – seguimos para o próximo item com as considerações finais.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como argumentado ao longo desse artigo, o estudo da questão do emprego das técnicas de pesquisa questionários/formulários e entrevistas revela a necessidade de ajustar/centralizar cada técnica aos objetivos da pesquisa e do pesquisador. Um desalinhamento entre objetivos e técnicas pode engendrar problemas na coleta de informações e interpretações junto aos sujeitos pesquisados e, com isso, podem implicar em resultados insuficientes e/ou sem a capacidade de responder às problemáticas/hipóteses de pesquisa.

Outro fator importante a ser lembrado na utilização dessas técnicas é a realização/aplicação de pré-testes antes da aplicação final. Nesse procedimento, questões com duplo sentido, confusas e erros de digitação precisam ser sanadas, de modo a contribuir para resultados de acordo com a realidade pesquisada. Para tanto, o pesquisador precisa escolher muito bem seu aparato de recolha de informações, questionários e ou entrevistas. Os questionários/ formulários possuem,

resumidamente, aplicações mais rápidas e diretas, mas um retorno muitas vezes abaixo do esperado. Já as entrevistas possuem aplicações mais detalhadas e duradouras, mas difíceis de serem realizadas, ora pela disposição do participante, ora pela retenção de informações, por conta e/ou imaginário dos participantes terem suas informações vazadas para outros meios que não sejam fins acadêmicos.

A grosso modo, observamos que ambos possuem lacunas e deixam a desejar em algum momento. Para sanar e/ou diminuir algumas dessas lacunas, no caso dos questionários, ao invés de fazer o envio virtualmente para o público-alvo, o pesquisador poderá reservar um momento com os participantes, estando presente com eles(as) fisicamente, apenas o tempo estimado de resposta. Essa condição provavelmente aumentaria o retorno dos questionários.

Já nas entrevistas, para absorver um índice positivo de informações e sanar a retenção destas é oportuno informar que o pesquisador possui autorização do Comitê de Ética, o qual está vinculado institucionalmente, podendo deixar, desse modo, o participante mais tranquilo sobre possíveis usos das suas informações. Outra proposição é escolher bem o local de entrevista, um ambiente em que o participante possua uma familiaridade com o local, isso trará uma sensação mais reconfortante ao entrevistado. É ainda importante ressaltar ao participante sobre a sua liberdade de participar ou não da pesquisa.

Para finalizar, o emprego dessas técnicas está aberto a novas reflexões, uma vez que o novo se faz com a imaginação, não com certezas. Portanto, escolher e realizar a arte da pesquisa passa-se por muitos momentos ou etapas desde as definições de temas e problemas da pesquisa, definições de fontes bibliográficas e, se for o caso, também a pesquisa de campo. Ainda, como explicitado enquanto objeto desse artigo o trabalho ou a aula de campo realizada com a finalidade didática para a formação de licenciandos e bacharéis em Geografia também passa por essas etapas e/ou escolhas. Por fim, a escolha da técnica, quando a busca estiver direcionada para pessoas respondentes de questionários/formulário e ou entrevistas. No presente artigo buscou-se ampliar a reflexão sobre essas técnicas, pois, para uma boa pesquisa, uma boa técnica é fundamental e, nesse ramo, criar e renovar faz parte do fazer ciência.

6 REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Aparecido Ribeiro; SCHMIDT, Lisandro Pezzi. **Metodologias de pesquisa em geografia**. Paraná: Unicentro, 2014, 15 p. Disponível em: <<https://docs.ufpr.br/~adilar/METODOLOGIA%202019/Metodologias%20de%20pesquisa%20em%20Geografia.pdf>>. Acesso em: 13 de jun. de 2022.
- BONI, Valdete; QUARESMA, Sílvia Jurema. Aprendendo a entrevistar: Como fazer entrevistas em ciências sociais. [s.l.]. **Em Tese: Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC**, v. 2 n. 1 (3), p. 68-80, 2005. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/emtese/article/view/18027/16976>>. Acesso em: 15 de set. de 2022.
- COLOGNESE, Silvio Antônio; MÉLO, José Luiz Bica de. A técnica da entrevista na pesquisa social. **Cadernos de Sociologia**, Porto Alegre, v. 9, p. 143-59. 1998.
- CHAER, Galdino; DINIZ, Rafael Rosa Pereira; RIBEIRO, Elisa Antônia. A técnica do questionário na pesquisa educacional. **Evidência**, Araxá, v. 7, n. 7, p. 251-266, 2011. Disponível em: <http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/maio2013/sociologia_artigos/pesquisa_social.pdf>. Acesso em: 02 de nov. de 2022.
- DUARTE, Rosália. Pesquisas qualitativas: Reflexões sobre os trabalhos de campo. **Cadernos de Pesquisa**, n. 115, p. 139-154, 2002. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/cp/a/PmPzwqMxQsvQwH5bkrhrDKm/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 20 de jun. de 2022.
- GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999. 128 p.
- _____. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002. 176 p.
- JÚNIOR, Fransciso de Britto; JÚNIOR, Nazir Feris. A utilização da técnica entrevista da entrevista em trabalhos científicos. **Evidência**, Araxá, v. 7, n. 7, p. 237-250, 2011.
- LIMA, Maria das Graças de. Contribuições aos procedimentos de pesquisa em geografia humana: Questionários e entrevistas para levantamento de informações. In.: FERREIRA, Maria Eugênia M. Costa, *et al.* **Apontamentos Geográficos**. UEM-PGE, 2011, p. 119-143.

MARCONI, Maria de Andrade, LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos da metodologia científica**. 5. ed. - São Paulo: Atlas, 2003. 310 p.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1999, 207 p.

RODRIGUES, Auro de Jesus. **Geografia: Introdução a ciência geográfica**. São Paulo: Avercamp, 2008, 114 p.

SILVA, Martins; MENDES, Estevane de Paula Pontes. Abordagem qualitativa e geografia: pesquisa documental, entrevista e observação. *In.*: MARAFON, Glaucio Jose e outros (Orgs.) **Pesquisa qualitativa em Geografia: Reflexões teóricos-conceituais e aplicadas**. Rio de Janeiro: UERJ, 2013, p. 207-222.

SUERTEGARAY, Dirce Maria Antunes. **Cadernos geográficos: Notas sobre a epistemologia da Geografia**. Florianópolis: Imprensa Universitária, 2005. 63 p.

Data de recebimento: 10 de novembro de 2022.

Data de aceite: 15 de junho de 2023.